Calcanhar-de-aquiles

Mesmo que o preço do petróleo recue no mercado mundial, no curto prazo não há indícios de níveis em torno de US$20,00/barril – meta que o Brasil teria se colocado para equacionar suas contas energéticas, em especial a chamada conta-petróleo.

O ano 2000 tende a ser um ano difícil. Mesmo que as exportações brasileiras de derivados de petróleo – em especial a gasolina – ajudem a pagar parte dos custos com a importação da matéria-prima, o volume obtido não será suficiente para fechar a conta.

A conta-petróleo é o calcanhar-de-aquiles da economia interna nacional nessa rubrica. É um mecanismo de subsídio que o governo criou para não onerar em demasia os custos internos, gerando inflação.

A conta funciona como uma relação entre a Petrobras (única importadora autorizada) e o Tesouro Nacional, sendo usada para subsidiar a diferença entre o preço interno e o preço externo do petróleo. Quando gera superávit, o Tesouro encaixa o montante. Se gerar déficit, o Tesouro paga à Petrobras.

Até 1998 a Petrobras teve prejuízo com as importações de petróleo, porque o governo evitava repassar os custos dessa importação aos preços internos. Assim os combustíveis se mantiveram artificialmente mais baratos para os brasileiros.

Como toda ação que tem como fato gerador um subsídio, essa acabou ocasionando uma dívida do Tesouro, no caso com a Petrobras, da ordem de R$5,8 bilhões.

Meta frustrada

Na prática, pressionado pelos ajustes estruturais que deve fazer na economia interna – e mais especificamente no aparelho estatal – somados aos efeitos da desvalorização cambial que encareceu os produtos de importação, o governo decidiu elevar os preços internos dos combustíveis além do custo de importação, visando zerar a conta-petróleo.

O forte aumento dos preços internacionais do produto atrapalhou a operação, obrigando o governo a aumentar os preços dos combustíveis acima do previsto em julho. Mesmo assim não conseguirá alcançar a meta de R$3,5 bilhões a que tinha se proposto neste ano para cobrir a conta-petróleo. Para chegar a tanto, o aumento dos combustíveis deveria ter sido de 20%.

Ficam algumas lições. Primeiro, que a conta de uma política de subsídios acaba sempre chegando e, mais dia menos dia, teremos que pagá-la.

Segundo, se não houver redução dos preços internacionais do petróleo no resto do ano, um novo aumento dos combustíveis deverá ocorrer nos próximos meses.

Terceiro, esses aumentos são possíveis, neste ano, porque a inflação está sob controle e, dentro da política desindexada que o país vem adotando, não deverão ferir a meta preestabelecida de uma inflação entre 4% e 8% para 2000.

Argemiro Luís Brum é professor do DECon/Unijuí, doutor pela EHESS de Paris-França, analista e pesquisador da Central Internacional de Análises Econômicas e de Estudos de Mercado Agropecuário (Ceema).

CAFÉ

Floradas desiguais

Esta pode ser a segunda menor safra de café da década, conseqüência de uma drástica redução da produção

ARMANDO MATIELLI
ANDRÉ L. MATIELLI

Esta é a época das floradas de café, uma das fases mais bonitas de seu desenvolvimento e extremamente dependente do clima. Uma florada uniforme e abundante requer condições climáticas ideais, basicamente com relação à umidade no solo.

Prejuízo à vista

A produção de café tem encontrado condições bem inadequadas, que afetam o *vingamento* da florada e o início de desenvolvimento dos frutos. A conseqüência pode ser uma drástica redução da produção das lavouras.

Passou setembro, principal mês de florada de café. Outubro inaugurou o tempo de vegetação para as principais regiões produtoras de café.

De maio a dezembro de 1999 tivemos oito meses de déficit hídrico, que chegou em algumas regiões a 380mm. Houve recuperação de janeiro a março de 2000, mas voltou a ocorrer déficit durante os meses de abril a agosto. Foram quase 13 meses *de sede* para as lavouras.

Ao prejuízo previsto para a próxima safra, acrescentem-se as queimadas,

chamuscadas e até a perda de lavouras sob os efeitos da geada. Não há lavoura que agüente nem produtor contente com essa florada minguada e desigual.

Florada que dá café

Nas principais regiões cafeeiras, entre os dias 13 e 16 de setembro último, o que se via no cerrado mineiro e no Sul de Minas era uma florada totalmente heterogênea.

Pelo que se sabe, temos mais vegetação do que indícios de novas floradas. Até 31 de agosto de 2000, os dados do Mara/Procafe de Varginha quantificavam 6,2 nós por ramo contra 10,1 em 1999, num cenário de déficit hídrico de 186,3mm, contra 171,1mm de agosto de 1999 – cerca de 40% menos nós/ramo, prejuízos diretos na produção.

Choveu bem em setembro último. Vegetará – aumentarão os ramos e os nós –, o que será muito importante para a florada de agosto/setembro de 2001 e a produção de 2002/03.

Mas, por enquanto, a florada parece preguiçosa, de desenvolvimento imprevisível. Pode ser que outras venham a ocorrer, mas se isso acontecer elas terão certamente menor intensidade. A florada que garante o café acontece em setembro.

Segunda menor safra

No Paraná o prejuízo confirmado é de 80 a 90% para a próxima safra. A florada de São Paulo foi ruim e a vegetação está intensa, sinal de poucas chances de boas floradas por enquanto, assim como no Sul de Minas.

Ainda em Minas, a Zona da Mata está soberana e é talvez a melhor; em seguida vêm o Triângulo Mineiro e o Espírito Santo, onde a florada foi boa nas áreas irrigadas e nas lavouras que não sofreram geadas e produziram pouco na última safra.

Somados Paraná, São Paulo e grande parte de Minas, estamos falando de mais ou menos 70% de nosso parque cafeeiro.

Com perspectivas pouco favoráveis de floradas vindouras, teremos uma safra de 2001/02 possivelmente maior apenas que a safra 1995/96 – ou seja, a segunda menor safra da década.

Aptidão da terra segundo o regime hídrico

Deficiências (mm anuais)	Aptidão
100	Apta sem irrigação
150	Apta com irrigação em anos ocasionais
150 a 200	Marginal apta, com irrigação obrigatória
Mais de 200	Inapta

Fonte: *Balanço hídrico de Thornthwaite*. 1948.

Extraído de *Irrigação do café – recomendações gerais*. Cooxupé, 1996.

Perspectiva para a próxima florada

Seca	Produção no ano seguinte (milhões de sacas)
1962/1963	8,3
1968/1969	11
1984/1985	13,9
1999/2000	?

Fonte: Coffeebusiness.

Números do café: posição atual

Ano	Produção	Consumo	Exportação (verde+solúvel)	Estoque final
1985/86	32,6	3,4	18,05	25,41
1986/87	13	3,5	9,67	20,64
1987/88	42,9	3,6	19,55	33,69
1988/89	20,6	3,8	17,39	30,3
1989/90	22,9	3,9	18,1	27,71
1990/91	31	3,2	17,75	29,95
1991/92	28,5	3,5	21,82	27,64
1992/93	24	3,9	16,76	25,88
1993/94	28,5	9,1	18,78	24,6
1994/95	26	9,3	15,93	26,64
1995/96	16,8	10,1	13,69	19,45
1996/97	27,5	11	17,29	18,79
1997/98	18,9	11,5	15,07	17,97
1998/99*	36	12,5	18	23,47
1999/00*	27,2	12,8	23	14,87
2000/01*	28,9	13	20	10,77

* Os dados para a produção são originários da Embrapa; para o consumo, previsão da Abic.

Fonte: *Agrianual 2000*, p. 238 (IBC/Febec/Embrapa).

Corrosão dos estoques

Depois dos incidentes climáticos que acabamos de atravessar, ninguém irá se aventurar a fazer previsões antes dos próximos pronunciamentos oficiais.

Além de tudo, ocorreu uma corrosão dos estoques principalmente pela baixa produção nos últimos anos que mostra claramente que a média nacional de produção anual não tem passado dos 26 milhões de sacas. Atualmente precisamos de pelo menos 33 milhões de sacas por ano para suprir o consumo interno de 13 milhões e a exportação, por volta de 20 milhões. A tabela 3 representa esse posicionamento.

Portanto, o ano se fecha com um estoque perigoso, principalmente na iminência de uma safra reduzida. Resta torcer para que o clima se normalize e haja café em quantidades suficientes e de bom tamanho na safra 2002/03.

Armando Matielli é engenheiro agrônomo. André L. Matielli é aluno de graduação do quinto ano da Esalq/USP.